

21A 6. 9. 84

A libertação de portugueses em Moçambique

Quatro já se encontram no Consulado em Maputo

■ A anunciada libertação de dez portugueses presos em Moçambique há mais de um ano, sem culpa formada, e que Mário Soares classificou de «prenda» significativa do humanismo de Samora Machel, ao que este respondeu que os portugueses eram um «punhado de malandros», não ficou a dever-se unicamente a esta viagem do Primeiro-Ministro a Maputo. Com efeito, segundo uma fonte da comitiva portuguesa que regressou ontem de Moçambique, a libertação dos presos foi «também fruto das conversações efectuadas pelo Presidente da República e pelo governo de Pinto Balsemão». Só que, como se sabe, o marechal Samora Machel, presidente da República Popular de Moçambique, ditador e chefe da FRELIMO, libertou os portugueses mas classificou-os de «punhado de malandros e criminosos». Soube-se, entretanto, que as autoridades moçambicanas entregaram já no Consulado-Geral de Portugal no Maputo quatro dos dez portugueses que vão ser libertados. Os nomes dos portugueses são Eugénio Fonseca Bento, Carlos Nunes de Almeida, José Augusto Marmeleiro e Rodrigo José Vasco.

21A 6. 9. 84

Maputo afugenta cidadãos

A resistência nacional moçambicana (RENAMO) responsabilizou ontem em Lisboa o exército moçambicano pela fuga de um milhar de cidadãos da província de Maputo para a Suazilândia.

Segundo a RENAMO, o êxodo da população deve-se a «massacres» que afirma serem cometidos pelas forças armadas moçambicanas, que «se fazem passar» por elementos da resistência.

«Tal operação é levada a cabo pela quinta brigada do exército treinada em Nampula por conselheiros norte-coreanos», declarou Jorge Correia, porta-voz da organização para a Europa.

Correia anunciou, por outro lado, que a RENAMO pediu a alguns governantes portugueses para servirem de intermediários, no sentido de se solucionar a presente situação de conflito no país.

Para Jorge Correia seria preferível que Portugal passasse a ser o intermediário entre as duas partes